

LETRAMENTO LITERÁRIO E CULTURA GOIANA NO CONTO *NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ*, DE BERNARDO ÉLIS

ALFABETIZACIÓN LITERARIA Y CULTURA GOIANA EN EL CUENTO *NHOLA DOS ANJOS E A CHEIA DO CORUMBÁ*, DE BERNARDO ÉLIS

Amanda Maria da Silva

Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

amanda.maria@hotmail.com

Thyago Madeira França

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Professor no Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - UEG

thymad@yahoo.com.br

65

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo propor uma sequência de letramento literário (COSSON, 2006), tomando como objeto um conto do autor goiano Bernardo Élis. Para o desenvolvimento dessa proposta de letramento literário, selecionamos o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, que apresenta traços peculiares da cultura e do regionalismo goiano, além de mostrar pontos relevantes da natureza humana. A sequência básica proposta tomou como entrada temática elementos da cultura goiana, com o objetivo de fazer com que o aluno-leitor se identifique com a narrativa, por se sentir pertencente ao universo cultural apresentado e por reconhecer características e práticas sociais que formam a identidade cultural do povo goiano. A partir do entendimento de que o domínio efetivo da linguagem literária é uma forma de empoderamento (FRANÇA, 2017) e, por isso, o acesso à literatura não pode ser negado, defendemos ser produtiva a utilização de um texto literário que estabelece um diálogo entre o universo ficcional proposto por Élis e a memória coletiva dos sujeitos que vivem aqui, no estado goiano.

Palavras-chave: Bernardo Élis. Cultura goiana. Letramento literário. Conto.

Resumo: El presente trabajo tiene como objetivo proponer una secuencia de alfabetización literaria (COSSON, 2006), tomando como objeto un cuento del autor Bernardo Élis de Goiano. Para el desarrollo de esta propuesta de alfabetización literaria, seleccionamos el cuento *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, que presenta peculiares huellas de cultura y regionalismo de Goiano, además de mostrar puntos relevantes de la naturaleza humana. La secuencia básica propuesta tomó como insumo temático elementos de la cultura goiana, con el objetivo de hacer que el estudiante-lector se identifique con la narrativa, por sentirse perteneciente al universo cultural presentado y por reconocer características y prácticas sociales que forman la identidad cultural del pueblo de Goiás. Desde el entendimiento de que el dominio efectivo del lenguaje literario es una forma de empoderamiento (FRANÇA, 2017) y, por lo tanto, no se puede negar el acceso a la literatura, abogamos por que el uso de un texto literario que establezca un diálogo entre el universo ficticio propuesto por Élis y la memoria colectiva de los sujetos que viven en el Estado de Goiás.

Considerações iniciais

todos os “métodos” são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos (TODOROV, 2009, p. 90, grifo do autor).

66

Em muitos contextos, o ensino de literatura nas escolas se dá a partir de recortes de textos literários, por meio de uma visão histórica sobre estilos de época, figuras de linguagem e biografias dos autores. Por vezes, a leitura dos textos não é feita integralmente, desrespeitando a integralidade do objeto estético, de modo que o saber literário é deturpado e considerado, em muitos casos, como análogo ao ensino da língua materna e da gramática normativa. Com isso, a leitura integral de textos literários tem se tornado cada vez mais distante da realidade escolar dos alunos da educação básica, seja por falta de referências de leitores no ambiente doméstico, seja pela falta de práticas significativas que, de fato, tenham como foco a formação do leitor literário na escola.

Defendemos a literatura como um saber capaz de potencializar as habilidades das crianças e jovens de ler o mundo e de se expressar por meio de linguagem, capaz de aguçar o pensamento crítico do leitor e, assim, possibilitar que esse transite nessa sociedade, compreendendo melhor os círculos em que está inserido: a natureza, a sociedade e o seu semelhante. Assim, a literatura possibilita sonhar com pontes que transcendam os muros da escola, permitindo que o leitor se descubra enquanto ser pensante e inserido em uma sociedade diversa.

Como forma de contribuir para a construção de possibilidades de escolarização produtiva do texto literário, aqui propomos uma sequência de letramento literário (COSSON, 2006) a partir do conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* do autor goiano Bernardo Élis. A narrativa apresenta elementos relacionados a traços peculiares do regionalismo goiano e, por conta disso, estabelecemos como entrada temática os elementos discursivos relacionados à cultura goiana e à natureza humana, com o objetivo de fazer com que o agente de leitura literária (o aluno-leitor goiano ou não) se identifique com a narrativa, por se sentir pertencente ao universo cultural apresentado e por reconhecer características e práticas sociais e discursivas que formam a identidade cultural de Goiás.

1. Bernardo Élis e o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em 15 de novembro de 1915, na cidade de Corumbá de Goiás, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997 na mesma cidade. Filho do poeta Érico de José Curado e de Marieta Fleury Curado, Élis iniciou os estudos das primeiras letras com o pai, em casa. Aos doze anos, escreveu seu primeiro conto, inspirado em *Assombramento*, de Afonso Arinos. Leitor de autores como Machado de Assis, Eça de Queiroz, entre outros, concluiu em 1940 o curso clássico de Liceu em Goiânia e, em 1945, formou-se na Faculdade de Direito, sendo o orador de sua turma.

Nos anos subsequentes, fundou a revista Oeste e nela publicou o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*. Além da vida literária, dedicou-se ao magistério, foi docente, vice-diretor e assessor cultural. Publicou várias obras que lhe conferiram inúmeros prêmios literários e notoriedade, o que culminou no fato de ter ocupado a Cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de outubro de 1975, sucedendo a Ivan Lins. Sua escrita apresenta uma temática regional e denunciadora das cenas mais duras e reais vividas por pessoas simples e pobres, em especial no estado de Goiás. Para Teles (2003, p. 9), Bernardo Élis rompe, por meio de seus contos, com a tradição do romance “pela linguagem, pela técnica modernizante, criando no centro do Brasil uma obra estranha e original”.

Publicado em 1944 e narrado em terceira pessoa, o conto em análise denuncia a difícil realidade vivida por uma família que mora às margens do rio Corumbá, a partir de cenas chocantes em meio a uma noite muito chuvosa e ameaçadora. O rio transborda devido a uma enchente e leva tudo o que encontra pela frente, inclusive a casa de pau-a-pique em que viviam os personagens: a velha matriarca Nhola, Quelemente (seu filho), o neto – que não foi nomeado na obra – e Chulinho, cachorro da família.

Em decorrência da guerra do Lopes, a família Dos Anjos, protagonista da narrativa, migrou de Minas para a foz do Capivari, em Goiás, e ergueu uma casa, após o avô de Quelemente ocupar as terras. A casa ficava em um triângulo, sendo os dois lados formados pelo rio e o terceiro por uma várzea de buritis, propiciando a criação de animais, por ser um excelente apartador de gado. Com o passar do tempo, porém, as expectativas deram errado e veio a decadência da família: o gado morreu em

Building the way

decorrência das ervas daninhas, membros da família morreram de maleita, a casa que tinham construído ruiu e, no lugar, ergueram um simples ranchinho.

O espaço que antes representava a vida, vem a ser agora um lugar de morte, por meio dos elementos que são descritos em diálogo com a cheia do rio: o ronco do rio, a chuva que caía, os bichos medonhos que adentravam a casa, a parede do rancho desmoronando, a casa tomada pelas águas do rio, objetos boiando, o teto desabando. A velha Nhola, que estava em cima de um jirau (armação de madeira), sente as águas banharem suas pernas inúteis e entrevadas. Após a invasão das águas, o personagem Quelemente toma para si o protagonismo da família, colocando a mãe e o filho em cima de uma jangada improvisada e moldada por ele mesmo. Por meio de cálculos para escapar da cachoeira, mas a jangada fica à deriva e acaba por ser atingida por um tronco de árvore. Nesse momento, a velha cai na água, ficando presa à jangada por uma mão e tentando, energicamente, subir novamente na frágil embarcação improvisada.

O clímax do conto está nesse final e representa as emoções e aflições humanas, vividas no enredo pelo personagem Quelemente. O personagem, ao notar que a jangada já não suportava três pessoas devido ao choque que sofreu contra o tronco da árvore, teme morrer e perder seu filho. Então, ele opta por desferir dois coices na cara da mãe doente. Com isso, ela afunda e desaparece em um tufo d'água. Entretanto, para aumentar o drama vivido pelo personagem Quelemente, em decorrência daqueles coices, desequilibra-se e, também, cai da jangada, sentindo os pés tocarem o chão e, evidentemente, arrependendo-se do que tinha feito com sua mãe, começando a chamá-la desesperadamente: “– Mãe, ô, mãe! Eu não sabia que era raso [...] Espera aí, mãe” (ÉLIS, 2003, p. 32). Na esperança de encontrá-la, mergulha de forma desesperada na correnteza e se afoga em algum perau distante, abaixo da cachoeira.

Dutra e Silva (2017) discorre que Élis, em seus textos, mostra as condições de vida na fronteira goiana, misturando-se ao ambiente físico do cerrado, numa narrativa realista e denunciadora, o que pode ser percebido pelos dramas vividos pelos seus personagens. Além disso, é possível reconhecer que, em sua obra, Élis descreve as paisagens goianas e reproduz alguns discursos que constituem a expressão popular regional. Dutra e Silva (2017) também explicam que a pobreza, em solo goiano, foi herdada pela mineração e que a reorganização econômica foi promovida pela agricultura e pela pecuária. Eles revelam, ainda, que a conquista

Building the way

territorial esteve ligada a uma visão encantada de riquezas nas regiões de fronteiras. De certa forma, podemos reconhecer alguns desses elementos nos cenários e no enredo do conto em estudo.

O cerrado goiano em que o escritor cresceu influenciou a composição de suas obras. Pelo olhar minucioso que ele tinha da realidade e do meio social em que vivia, expressou, em suas narrativas, a relação do homem com a natureza, por vezes a partir de cenas sobre relações conflituosas e com foco na vulnerabilidade e condição social em que esses personagens vivem. É como se a relação discursiva entre homem e natureza se apresentassem de forma conflituosa, principalmente em relação às pessoas mais pobres, o que ainda podemos perceber nos dias de hoje.

Cosson (2006) defende que há uma diferença entre obras contemporâneas e obras atuais. Para o autor, enquanto as contemporâneas são escritas no meu tempo, as atuais são as que possuem “significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação” (COSSON, 2006, p. 34). Logo, as temáticas dos textos de Élis permitem que reconheçamos o seu potencial de atualidade, pois propiciam diálogos com os dramas que vivemos nos dias de hoje. Bastos (2006, p. 178) evidencia que, em *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, o autor apresenta uma linguagem interiorana e engraçada e pode facilmente alcançar diferentes públicos, pois suas narrativas dispõem de uma linguagem acessível até para um leitor distante da realidade apresentada pelo conto.

2. A sequência básica de letramento literário

Nossa tomada de posição em defesa de um ensino de literatura que tenha como foco a formação do leitor literário nos inscreve nos estudos sobre letramento literário de Cosson (2006), por defenderem que o processo de escolarização da literatura se dê por meio de experiências de leitura exercidas com o compromisso que os diversos saberes exigem. Assim, é “fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras” (COSSON, 2006, p. 23).

Cosson ainda defende que a leitura literária é um ato solitário, entretanto nos diz que a interpretação é uma etapa do processo de leitura que deve ser tomada como um ato solidário, ou seja, planejada no âmbito da coletividade, uma vez que ler implica a troca de sentidos “não só entre o escritor e o leitor, mas também com a

Building the way

sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2006, p. 27). Dessa forma, defendemos que o ensino de literatura se dê por práticas de letramento literário com objetivos claros e que considerem o texto como foco de suas ações.

Como forma de sugerir caminhos para o funcionamento de sua proposta para o letramento literário, Cosson (2006) apresenta o funcionamento de sequências básica e expandida para que o agente de letramento literário possa sistematizar as práticas de ensino, a partir de “possibilidades concretas de organização das estratégias a serem usadas nas aulas de Literatura do ensino básico” (COSSON, 2006, p. 48). Aqui utilizamos como método a sequência básica de letramento, a qual é organizada por Cosson em quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A etapa de *motivação* é representada por uma preparação que favoreça o processo de leitura como um todo, ou seja, funciona como um preparativo para a entrada do aluno no texto, uma vez que “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON, 2006, p. 54). Sem determinar de forma impositiva os caminhos de leitura, essa etapa se alicerça na discussão intertextual das entradas temáticas escolhidas pelo professor de literatura, as quais devem estar relacionadas aos objetivos previamente estabelecidos pelo agente de letramento. No entanto, Cosson (2006) defende que essa etapa não pode ser muito longa e pode abordar aspectos relacionados aos procedimentos de construção do texto literário.

Na etapa de *introdução*, é importante a apresentação do autor e da obra a ser lida. É possível, inclusive, que o agente de letramento literário busque não somente apresentar características do autor e da obra, mas também incentivar questionamentos sobre os motivos da escolha de ambos. Nesse momento, é importante que o professor forneça informações básicas sobre o autor, de preferência possíveis de serem ligadas ao processo de leitura da obra.

Se possível, o mediador deve priorizar o contato físico com a obra e, nos casos de reprodução digital ou fotocopiada do texto, permitir que os leitores manuseiem o livro original. Aqui o agente de letramento deverá chamar atenção para os aspectos constitutivos da obra (prefácio, capa, orelha e outros elementos paratextuais), permitindo que os leitores façam o levantamento de hipóteses sobre o texto, as quais serão ou não confirmadas ao final das atividades.

Building the way

A etapa de *leitura*, como o próprio nome diz, decorre da experiência leitora efetiva e integral do texto literário, a qual requer planejamento quanto ao formato, duração, intervalos e intervenções. O professor deverá programar se a leitura será feita em voz alta, individualmente, com intervalos para a construção de compreensões prévias e resolução de dificuldades. Cosson (2006) também reforça que é essencial, nessa etapa, o acompanhamento do processo de leitura por parte do agente de letramento. Evidentemente, aspectos relacionados a esse planejamento dependerão da extensão do texto selecionado.

Cosson (2006) entende a leitura do texto literário como uma experiência única que não pode ser vivida vicariamente. Assim, conhecer a história ou o final do texto não substitui a experiência da leitura, o que pode ser comprovado pelo fato de que continuamos a ler obras de final amplamente conhecido. Logo, a leitura dos textos precisa ser feita integralmente e, caso o texto seja longo, que se negocie com os alunos o período necessário para fazer a leitura, marcando, dentro desse período, intervalos que não sejam “muito longos, uma vez que se corre o risco de perder o foco da atividade” (COSSON, 2006, p. 63).

A etapa de *interpretação* está ligada à construção do sentido do texto, a qual deve ser pensada em dois momentos, um interior e um exterior, sendo o primeiro relacionado à decifração da palavra e o momento exterior à “concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentidos em uma determinada comunidade” (COSSON, 2006, p. 65). O processo de externalização na escola é de suma importância, pois é por meio dela que os alunos poderão compartilhar e ampliar os sentidos adquiridos de forma individual por meio da leitura integral da obra.

Vale frisar que é no compartilhamento das interpretações que “os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p. 66). Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem, nessa última etapa, seu ponto mais alto (COSSON, 2006, p. 65). Na etapa de interpretação, o momento de externalização deve ser reconhecido como primordial, pois proporciona aos alunos a ampliação dos sentidos advindos do texto, mas, para além disso, a longo prazo, o processo de interpretação pode proporcionar ao leitor a leitura do mundo e de si mesmo.

Building the way

Ao final de sua proposta, Cosson (2006) reforça que o mediador poderá estabelecer adaptações em sua sequência, de modo a atender às especificidades da turma ou dos objetivos da prática de letramento. No entanto, é essencial que a proposta seja focada na “formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo da leitura, de um leitor literário” (COSSON, 2006, p. 120).

3. Cultura goiana no conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*

Tomamos o termo cultura a partir de Gomes (2008) e suas reflexões sobre sete categorias intercambiáveis que podem contribuir para definir o conceito, sendo elas: I – Cultura como erudição, refinamento social ou, como propõe a tradição da filosofia idealista alemã, *bildung*, no sentido de desenvolvimento tanto pessoal quanto coletivo; II – Sinônimo de arte e suas manifestações; III – Hábitos e costumes, que representam e identificam o modo de ser de um povo; IV – Identidade de um povo ou de uma coletividade, a partir de elementos simbólicos compartilhados; V – O que está por trás das atitudes de um povo, ou seja, uma estrutura inconsciente que modela e padroniza comportamentos e posicionamentos das pessoas no mundo; VI – Dimensão que perpassa todos os aspectos da vida social, conseqüentemente, que dá sentido aos atos e fatos de determinada sociedade; VII – Tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem.

Já no primeiro parágrafo do conto, podemos perceber a primeira articulação com a cultura goiana na fala de Nhola, quando ela diz: “– Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nós” (ÉLIS, 2003, p. 26). Nessa primeira fala da personagem, ela pede que o neto faça um zóio de boi. Trata-se de uma simpatia conhecida na cultura goiana pela crença de que, ao fazer três círculos com o dedão e o calcanhar enfiado no chão, é possível parar a chuva. Tal aspecto cultural é explicado por Amadeu Amaral:

Acreditam muito em superstições, pois eram frequentes as manifestações da fé, depositadas por inúmeras pessoas em simpatias para curar toda a sorte de males, assim como do receio que essas mesmas pessoas tinham de violar qualquer tabu estabelecido por velhas crendices. Quando algo ruim acontecia era traduzido que está ligado à religião, enraizado na cultura (AMARAL, 1981, p. 379).

Building the way

Ao apresentar aspectos sobre as crenças/costumes da sociedade goiana, podemos reconhecer que a narrativa dialoga com a ideia de cultura como hábitos e costumes relacionados ao modo de ser de um povo. Entendemos que isso desperta no leitor inserido na sociedade goiana uma possibilidade de reminiscência com algum momento da vida, fazendo também com que esse leitor se identifique com o texto.

O seguinte fragmento também se materializa como um aspecto discursivo da cultura goiana: “O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça” (ÉLIS, 2003, p. 26). O baixeiro é um saco de pano colocado sobre o lombo do cavalo para protegê-lo da sela. Devido à forte corrente da agricultura e pecuária no estado de Goiás, como os principais meios de produção, o cavalo é, ainda nos dias de hoje, símbolo de trabalho e transporte, além de ser figura indispensável em manifestações culturais, como nas Cavalhadas e em diversas festas pecuárias que existem em todo o estado, muitas delas com desfiles de cavaleiros paramentados.

Esse animal sempre fez parte da cultura goiana. É evidente que o papel do cavalo no dia a dia e na lida com o gado foi se apagando, ao longo do século XX, no entanto ainda representa um componente discursivo muito representativo da cultura goiana. Para além de um animal amplamente utilizado nos meios rurais de todo o país no início do século XX, na identidade do povo goiano o cavalo é um elemento simbólico e cultural representativo, o que se aproxima da definição de cultura como identidade de um povo em torno de elementos simbólicos compartilhados.

Outro aspecto marcante da cultura goiana ocorre na forma de falar das personagens, ou seja, em sua variedade linguística: “– Este ano, se Deus ajudá, nós se muda” (ÉLIS, 2003, p. 27) e em “– Nós precisa de mudá, praquê senão a água leva nós” (ÉLIS, 2003, p. 27). A linguagem do povo goiano é marcada por uma fala bem marcada de interior e, sobre esse aspecto, Curado (2014, p. 146) nos diz que: “Bernardo Élis transcreve a fala dos personagens em conformidade com os sons que eles emitem – ajudá, nós, mudá, praquê”. Logo, o autor resgata a fala do roceiro dos confins de Goiás para compor o universo ficcional de seus textos.

Ainda nesse sentido de linguagem do interior, temos a contação de causos, que ocupa um espaço importante na cultura goiana, pois, por meio desses causos, as pessoas que estão nesse meio social relatam a interação com o ambiente de trabalho, a devoção, e transformam em diversão os acontecimentos cotidianos. Rodrigues (2004, p. 62) traça um perfil desses contadores de causo: “São pessoas de origem humilde que, com pouca instrução escolar, lançam mão da sabedoria adquirida na lida
v. 12, n. 2

Building the way

diária e nas dificuldades da vida para expressarem com arte e musicalidade os seus sentimentos, seus conceitos e suas experiências em versos sonoros”. Reconhecemos que a figura folclórica do contador de causos dialoga com a ideia de cultura que identificamos no conto, relacionando-a a tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem.

Outro momento em que reconhecemos a presença dos discursos relacionados à cultura goiana é durante a refeição do personagem Quelemente: “A velha trouxe-lhe um prato de folha e ele começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro” (ÉLIS, 2003, p. 27) e em “Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra” (ÉLIS, 2003, p. 27). A culinária goiana ainda hoje tem seus ingredientes muito ligados à cultura rural e isso se mostra presente no conto, quando Quelemente, no jantar, come feijão com farinha de mandioca. Nesse momento, o autor nos apresenta a difícil realidade socioeconômica em que vive a família, reforçando que só consomem aquilo que produzem.

Signoreli (2010) explica, em sua pesquisa intitulada *Cozinha Goiana*, que os bandeirantes tiveram importante papel na formação da mesa goiana, pois foram eles que introduziram ingredientes como a cana de açúcar, o milho, a mandioca, o palmito amargo (guariroba) e diversas espécies de frutas, em decorrência do contato com os índios no processo de desbravamento no interior do Brasil. Para a pesquisadora, “os hábitos alimentares dos goianos, ao mesmo tempo em que foram absorvidos da maneira indígena de comer caças e usar os recursos naturais da terra, foram introduzidos à culinária goiana existentes até hoje” (SIGNORELI, 2010, p. 27).

Assim sendo, é possível perceber que os hábitos alimentares dos goianos podem ser tidos como costumes adquiridos pelos homens, enquanto membros de uma sociedade, corroborando também com a ideia como um complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Reconhecemos que o cerrado goiano ocupa e materializa enquanto cenário e espaço a principal manifestação discursiva da cultura goiana no conto, o que pode ser reconhecido também nos seguintes fragmentos: “o avô de Quelemente veio de Minas e montou ali sua fazenda de gado, pois a formação geográfica construíra um excelente apartador” (ÉLIS, 2003, p. 27) e em “A casa ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios, e o terceiro, por uma vargem de buritis” (ÉLIS, v. 12, n. 2

Building the way

2003, p. 27). Nessa passagem do conto, o autor fala sobre a formação do relevo goiano, além de aludir aos buritis, árvore muito recorrente no cerrado e em todo o território de Goiás. As palmeiras estão muito presentes no cerrado goiano e dão frutos ricos em cálcio, ferro e vitaminas, cujas polpas são utilizadas, nos dias atuais, em cosméticos e alimentos.

75

Numa outra passagem do conto, podemos perceber outras alusões ao cerrado goiano: “Já tinha mais de 80 anos que os dos Anjos moravam ali na Foz do Capivari no Corumbá” (ÉLIS, 2003, p.27) e em “procurava, por milhares de cálculos, escapar à cachoeira, cujo rugido se aproximava de uma maneira desesperadora” (ÉLIS, 2003, p. 30). O Corumbá, espaço de ambientação do conto de Bernardo Élis, é um importante rio cuja nascente se encontra no estado de Goiás. Antigamente, era um local no qual as pessoas que ali moravam se viam em um cenário de fazendas, rios, pastagens e buritizais. Na atual cidade de Corumbá de Goiás, são conservados os traços coloniais nos casarões construídos pelos Bandeirantes. O rio Corumbá tem suas águas escuras em virtude das folhas e das pedras do cerrado e, até hoje, suas inúmeras cachoeiras atraem turistas para a prática de esportes.

Conforme afirmam Lima e Chaveiro (2010), o cerrado apresenta estações bem definidas – verão chuvoso e inverno seco – e exibe uma enorme biodiversidade em sua fauna e flora, sendo o segundo maior bioma brasileiro em extensão. No entanto, devido à modernização sofrida na inserção de grandes centros urbanos, em decorrência da agricultura e da pecuária, teve seu espaço fortemente alterado. Isso não impede, contudo, compreender o cerrado goiano como um elemento simbólico que faz parte da identidade desse povo, o que dialoga com a ideia de cultura como identidade de uma coletividade.

A religiosidade é, sem dúvida, uma característica muito importante em distintas sociedades e não é diferente nos discursos que compõem a manifestação cultural goiana. O escritor goiano deixa isso claro na fala de sua personagem Nhola nos seguintes trechos: “– Nossa Senhora d’Abadia do Muquém!” (ÉLIS, 2003, p. 29) e em “– Meu Divino Padre Eterno!” (ÉLIS, 2003, p. 29). O primeiro clamor é uma referência à romaria para a tradicional padroeira do povoado de Muquém, parte do município goiano de Niquelândia, festa que acontece no mês de agosto até os dias de hoje. O segundo pedido de Nhola é feito ao Divino Pai Eterno, padroeiro da romaria de Trindade, famosa festa anual que acontece no mês de junho.

Building the way

Em solo goiano, a religiosidade ganhou um aspecto cultural que vai além da manifestação da crença por si só. Apesar de a crença na Virgem Maria e nos santos católicos serem muito difundidas na sociedade goiana, existe uma forte crença na Trindade, o que é reconhecido de forma muito particular e intensa no estado de Goiás. A festa em louvor ao Divino Pai Eterno é marcada pelas romarias que percorrem grandes distâncias e também adquiriu características regionais, conforme explica Oliveira (2011, p. 769), uma “devoção um traço marcante de cultura goiana, uma goianidade religiosa, onde valores da gente da roça numa devoção carregada de emotividade são evocados para garantir a identidade da devoção do povo goiano ao Divino Pai Eterno”.

Portanto, a manifestação da religiosidade goiana é envolta por práticas sociais e simbolismos que permitem ao povo goiano manter uma identidade cultural diferenciada em comparação com manifestações de outras culturas. Isso dialoga com a ideia de cultura como o que constitui as atitudes de um povo, enquanto uma estrutura que modela e padroniza comportamentos e crenças por meio de discursos. É interessante perceber que essas manifestações religiosas estão envoltas por muitos sacrifícios, não é só o fato de ir até a cidade onde ocorre a festa e beijar uma fitinha. É percorrer longas distâncias, por vezes a pé, em carros de boi, ou seja, realmente se trata de uma estrutura religiosa que, inconscientemente, é adquirida desde que se nasce, modela comportamentos e direciona posicionamentos que podem ser identificados como um padrão em um povo.

A partir dos elementos apresentados, entendemos que o conto de Bernardo Élis de fato dialoga com elementos discursivos representativos de uma cultura goiana, os quais podem ser mobilizados enquanto saberes em práticas de letramento e formação de leitores, principalmente nas salas de aula das escolas goianas. Nesse sentido, partimos agora para a apresentação de uma proposta de sequência básica de letramento literário a partir da narrativa em foco.

4. Proposta de sequência básica de letramento literário

Para obter sucesso no processo na etapa inicial de motivação da sequência, é preciso construir situações de interação “em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação” (COSSON, 2006, p. 55). Dessa forma, além de

Building the way

ambientar a cultura goiana, o conto de Élis permite um diálogo com temáticas atuais e contemporâneas. Inicialmente, propomos breves discussões relacionadas à ideia de qual a concepção de goiano que vem à cabeça dos alunos.

Essa rápida atividade pode ser desenvolvida por meio de uma nuvem de palavras construída no quadro, em que cada aluno diria uma palavra ou expressão que remetesse à sua percepção sobre a Goianidade. Se a atividade for desenvolvida em formato digital, uma vez que o ensino remoto tem feito parte da realidade nos dias de hoje, o agente do saber literário pode usar uma ferramenta online para a construção instantânea dessa nuvem. Parece uma ferramenta simplória, no entanto, se utilizada de forma adequada, oferece uma leitura textual, mas também visual, de elementos linguísticos comumente relacionados à cultura goiana.

Para essa etapa, também propomos a leitura e a discussão de uma reportagem que apresente dramas vividos por pessoas que sofrem com enchentes, abordando o tema condições sociais de vida, de modo a criarmos um ambiente em que os alunos se posicionassem diante do problema. O professor pode optar por ambas ou somente uma das possibilidades de atividade para essa etapa de motivação, a depender do tempo estimado para a execução da atividade.

Na introdução, devemos apresentar o livro, a materialidade física do livro e do conto, além de fornecer informações básicas do autor goiano que pudessem contribuir para a compreensão do texto. Reconhecemos esse momento como um ponto muito importante para a presente prática de letramento, pois, para alcançarmos os objetivos relacionados aos discursos sobre a cultura goiana, é relevante que os alunos se identifiquem, de forma direta ou indireta, com determinados aspectos mobilizados já nessa etapa do trabalho. Isso não significa impor ou manipular sentidos, mas buscar mediar os objetivos da atividade com as futuras impressões de leitura dos alunos. Sendo assim, além de uma breve apresentação de Bernardo Élis e sua produção literária, aqui o docente pode dialogar com os alunos-leitores as motivações relacionadas à escolha desse conto.

É também importante usar esse momento para oferecer pistas sobre elementos da cultura goiana presentes no conto e, com isso, garantir que os próximos passos da atividade não se desvinculem das direções pretendidas. O mediador pode direcionar alguns desses elementos, caso não tenham sido aventados na etapa inicial de motivação. Reflexões coletivas sobre elementos discursivos, que constituem a

Building the way

noção que os alunos reconhecem de Goianidade, podem contribuir para alicerçar essa etapa do trabalho.

Provavelmente os alunos vão levantar aspectos relacionados à língua, ao sotaque, à culinária, às festas, entre outros elementos que dialogam com os traços discursivos da cultura goiana que se apresentam ao longo do conto de Élis. Para tanto, é essencial que o mediador da leitura saiba reconhecer posicionamentos diferentes como espaços de negociação de interpretações diversas e possíveis. Não é pelo fato de termos, por exemplo, alunos que não se identifiquem discursivamente com a música sertaneja, ou que não gostem de comer pequi, que esses elementos possam ser desconsiderados como significativos para a ideia de uma cultura goiana.

A etapa de leitura do texto precisa ser acompanhada, independentemente do tamanho do texto, para auxiliar os alunos em suas dificuldades. Cosson (2006, p. 62) nos lembra para não confundirmos acompanhamento com policiamento, “mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-los em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura”. Como o conto que escolhemos é relativamente curto, indicamos duas leituras em sala de aula, sendo uma primeira silenciosa e individual e, em seguida, uma coletiva e em voz alta, de modo a instigar que todos participem. Pensamos também, para esse momento, em um acompanhamento que também auxilie na resolução de dificuldades que se apresentarem acerca de palavras e elementos desconhecidos.

Na leitura do conto de Élis, percebemos algumas palavras empregadas pelo autor que podem gerar dificuldades de leitura para alunos iniciantes. Cosson (2006) explica que essas dificuldades fazem parte da decifração no processo da leitura, ou seja, quanto mais domínio das palavras e conhecimento de mundo o leitor possui, mais fácil é a decifração da linguagem empregada pelo autor. Por isso, os intervalos durante a segunda leitura serão aqui importantes. São nos intervalos que devemos construir um diagnóstico sobre as dificuldades de decifração dos alunos e, por meio dele, resolver problemas ligados ao vocabulário, às especificidades de linguagem utilizadas pelo autor em sua criação ficcional. Ressaltamos, também, que o trabalho com esse conto exige preparação por parte do professor para que a compreensão e o domínio contextualizado de alguns significados de palavras enriqueçam a interação com os alunos-leitores. De nada adianta o mediador escolher um conto para trabalhar em sala e não conseguir compreender os diversos elementos relacionados à cultura goiana que atravessam o texto de Élis.

Building the way

79

A interpretação é tida como a etapa mais ampla de construção dos sentidos, formada a partir do diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. Como vimos, o autor divide essa etapa de interpretação em dois momentos, sendo um interior e outro exterior. O momento interior é o encontro do leitor com o texto propriamente dito e representa uma espécie de decifração da materialidade linguística e discursiva do texto literário. Se necessário, o professor deve estabelecer um diagnóstico sobre os modos de leitura heterogêneos que se apresentam durante a atividade. Trata-se do encontro total do leitor com a obra, ou seja, é o núcleo da experiência de leitura, um momento de individualidade em que a história de vida do leitor dialogará com o texto, já que “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura” (COSSON, 2006, p. 65).

O momento exterior é a concretização do processo de interpretação como construção de sentidos da comunidade de leitores instaurada, ou seja, representa a união do ato solitário de leitura com o construir solidário, é “a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2006, p. 65). Essa noção de coletividade é essencial no letramento literário, uma vez que a consciência de fazer parte de uma comunidade leitora permite a ampliação dos sentidos construídos individualmente.

Aqui lançamos provocações sobre temas e discursos relacionados à cultura goiana presentes no texto e no cotidiano deles, fazendo com que os alunos-leitores participem e se sintam parte de uma coletividade. É importante o estabelecimento de uma consciência coletiva das interpretações sobre a Goianidade, o que representa fazer com que o leitor se compreenda como parte de um grupo social que compartilha de elementos culturais de uma coletividade goiana (ou compreenda aspectos da coletividade goiana, caso se trate de uma regionalidade outra).

Para a mobilização do falar das personagens, indicamos uma reflexão sobre o juízo de valor negativo e desrespeitoso que as variedades linguísticas de menor prestígio social sofrem, seguindo os preceitos de Bagno (2008). Pretendemos incentivar que os alunos-leitores reconheçam e aprendam a respeitar o valor linguístico, cultural, artístico e literário que todas as variações linguísticas regionais possuem.

Nessa seara, faz-se necessário explicar aos alunos que o preconceito linguístico está ligado ao uso da norma culta e padrão, a qual está vinculada a elites econômicas e culturais do nosso país. Importante também ressaltar que a língua, em

Building the way

países subdesenvolvidos, funciona como um instrumento para a manutenção das estruturas de dominação, bem como a outros preconceitos: socioeconômico, regional, cultural, racismo. Vale exemplificar sobre como o falar caipira é, indiscutivelmente, um modo de dizer, por vezes, desmerecido em novelas e piadas do folclore popular.

As pessoas que mais sofrem, portanto, com esse tipo de preconceito são as menos favorecidas, ou seja, aquelas como a família do conto, que visivelmente não tiveram acesso a uma escolarização ou vivem uma vida de segregações culturais e econômicas. Para tanto, é interessante retomar os seguintes trechos do conto: “— Este ano, se Deus ajudá, nois se muda”/“Nóis precisa de mudá, praquê senão a água leva nóis” (ÉLIS, 2003, p. 27). O emprego das expressões “nóis”, “ajuda”, “muda”, “praquê” pelo autor demonstra a fala interiorana dos personagens e nos apresenta uma variação linguística regional. Vale enfatizar com os alunos, nesse momento, que não há uma linguagem certa e/ou errada, há, na verdade, uma adequação da fala em determinado contexto de formalidade e o julgamento negativo desse tipo de variação vai caracterizar o preconceito linguístico.

Na articulação de aspectos culturais da Goianidade presentes no conto, elencamos as seguintes categorias discursivas: credence popular, religiosidade, culinária, cerrado e o meio ambiente. Tais categorias não representam momentos estanques da prática de interpretação, mas sim nomenclaturas convergentes que podem auxiliar o professor na retomada de passagens do conto.

Sobre a credence popular, iniciamos perguntando aos alunos se eles já teriam ouvido falar na simpatia presente no conto: “Fio, fais um zóio de boi lá fora pra nóis” (ÉLIS, 2003, p. 26) e, posteriormente, quais outras simpatias ou crenças populares já teriam ouvido falar em seu ambiente familiar. Esse momento pode ser muito engraçado e descontraído, pois os alunos podem se lembrar de algum momento familiar e, geralmente, gostam de externalizar suas memórias. Se possível, é relevante que o agente de letramento também pesquise elementos da crença popular comuns em Goiás para compor essa etapa da interpretação.

O conto nos dá algumas pistas de que a família vive em difíceis condições, então é interessante perguntar aos alunos em quais momentos isso ficaria evidente no texto. As roupas, os utensílios da casa, o local onde dormem, a alimentação da família: “Era um feijão brancacento, cascudo, cuzido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava na bocarra” (ÉLIS, 2003, p. 27).

Building the way

Em diálogo com as eventuais respostas dos alunos, indicamos que o docente trace uma ligação com a refeição do personagem Quelemente e o tema da culinária goiana e, com isso, explique como os ingredientes das comidas típicas goianas estão ligados ao que se produz na região, como, por exemplo, o tutu de feijão, o arroz com pequi, o frango caipira com guariroba, a pamonha etc. Vários desses alimentos possuem histórias e mitos relacionados a eles, o que poderia funcionar como um saber a mais na mediação interpretativa desenvolvida. Por exemplo, a Chica Doida. Criada por Petronilha Ferreira Cabral, trata-se de uma iguaria gastronômica feita de milho criada há mais de 60 anos na cidade de Quirinópolis, sendo hoje um dos principais pratos da culinária goiana. Sua receita já foi motivo de entrevistas, palestras e publicações sobre culinária e cultura goiana. Aspectos históricos como esse podem contribuir para a construção de uma percepção da culinária como um elemento constitutivo da cultura e, por conseguinte, da Goianidade.

No que tange à religiosidade, sugerimos que o professor pergunte se os alunos-leitores já participaram ou conhecem alguém que participou de alguma romaria, e, após, medeie discussões sobre as tradicionais festas religiosas conhecidas no estado goiano. Para melhor ilustrar essa passagem pela cultura goiana, indicamos a utilização de fotos e vídeos de algumas romarias que acontecem na cidade de Niquelândia, onde se comemora a festa em louvor a Nossa Senhora da Abadia de Muquém, que, em época de romaria, chega a receber cerca de cem mil turistas. Assim como a romaria ao Divino Pai Eterno, que recebe todos os anos cerca de 2,5 milhões de fiéis, na cidade de Trindade, vindos de todas as partes do país.

Nesse instante, é essencial que o professor respeite a diversidade de religiosidades que constitui a população goiana e demonstre que grande parte dos elementos relacionados às festas e romarias católicas citadas transcendem à vinculação ao catolicismo. É essencial que o professor desenvolva essa etapa sem causar situações constrangedoras e excludentes, bem como não deixar que sua religiosidade pessoal interfira na demonstração dos aspectos culturais relacionados a tais romarias e festas.

Sobre o cerrado e o meio ambiente, propomos a iniciar com o rio Corumbá, presente no cerrado goiano, e suas belezas naturais e cachoeiras. Esse importante rio do estado goiano tem sua nascente no sopé da Serra dos Pirineus, em Cocalzinho de Goiás e possui grande potencial energético, tendo inclusive várias usinas hidrelétricas ao longo de seu curso. O rio possui uma beleza selvagem e natural em

Building the way

diferentes pontos, que atraem vários turistas, propiciando a prática de esportes, pesca e também contribuindo para a economia local.

Outros elementos que compõem a compreensão do cerrado goiano devem ser incitados pelo professor para compor uma percepção para além do Corumbá. Dependendo das possibilidades de reflexão instauradas, o professor pode aludir à Serra de Caldas, às águas quentes de Rio Quente, às grutas do Parque Estadual de Terra Ronca, às praias do Rio Araguaia, ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, bem como a outras tantas representações do cerrado e do meio ambiente de Goiás.

Por fim, para além dos elementos culturais apresentados, é essencial que o professor não desvincule as Goianidades dos aspectos morais e sobre a natureza humana que constituem e atravessam o universo ficcional proposto por Bernardo Élis. Dessa forma, é produtivo problematizar com os alunos a atitude do personagem Quelemente em relação à mãe. Ribeiro (2017) ainda nos chama a atenção para o nome Quelemente, que é uma corruptela de Clemente, que quer dizer: bondoso, afetuoso e complacente, mas, como percebido no conto, sua atitude, ao perceber que corria risco de vida, foi impiedosa. Então aqui propomos uma reflexão para os alunos: e se fosse com eles, como fariam?

Ainda que a entrada temática principal da presente proposta de sequência básica seja a questão da Goianidade, provavelmente as ações finais de Quelemente com a sua mãe seriam foco e um provável incômodo nas externalizações de muitos alunos. É necessário que o professor prepare caminhos e discussões que permitam reflexões produtivas que sejam atravessadas por aspectos éticos e morais relacionados à natureza humana (consciência, sobrevivência, respeito). O instinto de sobrevivência do Quelemente fala mais alto e, ao perceber que havia sacrificado a mãe sem necessidade, pois já estavam no raso, o personagem sentiu profundo arrependimento e remorso. Essa culpa o levou para a morte e conseguimos entender seu arrependimento pelo fato de aprendermos, ao vivermos em sociedade, vários valores cristãos e, entre eles, um dos mais importantes mandamentos: honrar pai e mãe.

Outro aspecto que poderia ser mobilizado seria o assujeitamento que a senhora Nhola sofre no decorrer de sua vida, o qual pode ser embasado também pelos estudos de Ribeiro (2017). Desde recém-casada, a senhora Nhola ouvia do marido, e depois do filho, que deviam se mudar dali. Isso reflete os costumes da

Building the way

época, em que a mulher precisava se submeter aos cuidados dos homens, o que na narrativa é passada de pai para filho.

Aliado a isso, vale ressaltar que a palavra Nhola remete ao pronome senhora, ou seja, uma mulher de respeito, dona de casa, mãe de família, que nada mais era do que os papéis desempenhados por ela na casa: esposa, mãe e avó. Entre as curiosidades existentes no conto, percebemos a escolha que o autor faz para o sobrenome da família – Dos Anjos – e podemos pensar em sala, com os alunos: seria um presságio da morte da família? Esses elementos dos nomes também poderiam ser mobilizados durante o processo de interpretação.

Enfim, é um conto que permite várias entradas temáticas. As sensações relacionadas à proposta de mundo que o texto de Élis apresenta – os conflitos, as dores, as tensões, as memórias coletivas – são várias e, provavelmente, possuem potencial de despertar discursos diversos. A proposta de uma entrada temática relacionada à Goianidade é somente uma das facetas possíveis para o conto de Élis. Inclusive, é essencial reforçar que essa proposta de sequência não se limita somente às salas de aula do estado de Goiás, uma vez que o professor de literatura de outro estado poderá adaptar os procedimentos propostos para a sua realidade geográfica.

Como nos lembra Todorov (2009, p. 24), em *A Literatura em Perigo*, ao dizer que a literatura está longe de ser um simples entretenimento ou uma distração reservada às pessoas educadas. O texto literário desperta a descoberta de uma infinidade de propostas de mundos possíveis, para que cada leitor, cada pessoa “responda melhor à sua vocação de ser humano”. O conto em estudo revela facetas de humanidade contraditórias e curiosas em seus personagens, o que permite que a prática de letramento literário desperte nos alunos-leitores a consciência de que fazem parte de uma coletividade (goiana ou não), de uma sociedade que estabelece padrões e modelos de comportamento.

Trata-se da efetivação de uma comunidade de leitores, objetivo máximo do letramento literário, por meio da instauração de um espaço de negociação de interpretações possíveis, que seja capaz de acessar o proposto pelo texto literário, mas que também consiga dialogar com as histórias locais e com os discursos que atravessam e constituem os alunos-leitores. A formação de leitores literários e o efetivo domínio dessa linguagem pode minimizar as desigualdades sociais, pois, por meio dela, é possível vislumbrar sujeitos mais sensíveis, mais empáticos, mas também mais empoderados, conscientes, reflexivos e atuantes, podendo mudar suas

Building the way

realidades sociais. Ampliar a formação de leitores literários, principalmente no âmbito da escola pública, é ampliar o número de pessoas que conseguem, por meio da força humanizadora despertada pela literatura, interpretar melhor inclusive o mundo e a si mesmos.

Considerações finais

84

A literatura fala sobre a natureza humana, toca o nosso íntimo e desperta a nossa criticidade. Por isso, no ambiente escolar, a formação de leitores literários precisa partir de uma mediação responsável e ética, pois ela pode proporcionar aos leitores, além da beleza do universo estético, a reflexão sobre o mundo em que vivem, bem como as possibilidades de transformá-lo. Nesse sentido, aqui apresentamos e defendemos um ensino ético e significativo da literatura por meio do letramento literário. Entendemos que, com um planejamento responsável, a proposta de Cosson (2006) tem potencial para o trabalho com contos, crônicas e poemas, em busca tanto da formação de leitores literários, quanto da formação de sujeitos sociais mais conscientes.

O conto de Bernardo Élis pode ser mediado para diferentes públicos, pois, como vimos, trata de temas atuais e contemporâneos, que atravessam diversas realidades ainda existentes em nosso país. As Nholas e os Quelementes são, no conto, nada mais do que personagens de um mundo possível do real do imaginário proposto pelo autor, mas que, na vida real, existem aos milhares, sofrendo diariamente por viverem em realidades de segregação e desigualdade. Para professores que dão aula no estado goiano e objetivam a formação de leitores literários, é um conto com potencial de contribuição incrível, também por ter como foco o lugar social do estado e algumas práticas culturais aqui existentes. Para outras realidades geográficas, além das reflexões sobre a natureza humana instauradas no conto, fica a possibilidade de apresentar um autor fascinante, bem como a cultura rica do estado de Goiás.

Ao defendermos práticas de letramento literário que mobilizem um olhar para os discursos que constituem a cultura goiana, também dialogamos com o currículo do estado de Goiás e, por conseguinte, com o princípio da Goianidade. Isso contribui para que os professores regentes da educação básica goiana consigam promover práticas de interação e experiência com a literatura que, além de

Building the way

significativas, dialoguem com as demandas dos documentos reguladores e curriculares. Seja por meio da utilização de textos literários produzidos por autores de Goiás, seja pelo trabalho com textos de autores de outras localidades que permitam entradas temáticas que dialoguem com a identidade cultural do povo goiano.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1981.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico, o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- BASTOS, Alcmemo. Ermos e gerais (contos goianos). *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 8, n. 8, p. 176-180, 2006.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CURADO, Maria Eugênia. *Literatura e modernidade: uma leitura da narrativa Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá, de Bernardo Élis*. Ângulo (FATEA. Impresso) , v. 1, p. 12-17, 2014.
- DUTRA E SILVA, Sandro. O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. *Revista História, ciência, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 93-110, jan.-mar. 2017.
- ÉLIS, Bernardo. *Melhores contos Bernardo Élis*. Seleção de Gilberto Mendonça Teles. São Paulo: Global, 2003.
- GOMES, Mércio Pereira. *Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto, 2008.
- LIMA, Sélvia Carneiro; CHAVEIRO, Eguimar Chaveiro. O cerrado goiano sob múltiplas dimensões: um território perpassado por conflitos. *Espaço em Revista*, v. 12, n. 2, p. 66-83, jul./dez. 2010.
- OLIVEIRA, Irene Dias de. A Religiosidade Trinitária do povo goiano. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 9, p. 763-781, 2011.
- RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes; MATOS, Josiane Silvéria Calaça. *Isolados e mutilados: o feminino e o masculino na ficção de Bernardo Élis*. *Revista Sociopoética*, Campina Grande-PB, v. 1, n. 19, p. 12-39, jul.-dez. 2017.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Poeta, poema, poesia, contadores de causos e de histórias nas paragens de Goiás*. *Revista da UFG*, v. 7, n. 1, jun. 2004.
- SIGNORELI, Izabel Cristina Alves. *Cozinha goiana: identidade e tradição culinária em Bariani Ortencio*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

Building the way

TELES, Gilberto Mendonça. Prefácio. In: ÉLIS, Bernardo. *Melhores contos Bernardo Élis*. Seleção de Gilberto Mendonça Teles. São Paulo: Global, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.